

## **A alimentação como cura para lesões ósseas no período setecentista**

Monique Palma – LHC/UEM

Christian Fausto Moraes dos Santos – LHC/UEM

Marlon M. Fiori – LHC/UEM

Para adentrarmos ao contexto, é preciso compreendermos como se dava o ofício da medicina no período setecentista, este que foi ocupado por uma classe hierárquica de representantes: os físicos licenciados, que possuíam formação em medicina, eram vistos como catedráticos da saúde e correspondiam aos habilitados com formação para atuar no campo do que conhecemos hoje por medicina. Suas funções eram diagnosticar os doentes e indicar o tratamento, embora não praticassem cirurgias (CALAINHO, 2004). Acrescentavam-se também os boticários, que estavam vinculados ao fabrico e venda das boticas e mezinhas sendo que, em alguns casos, chegavam a prestar assistência medicinal. O tempo de aprendizagem, para exercer o ofício, era menor se compararmos ao tempo necessário para atuar como cirurgião e, evidentemente, como físico. Suas funções, tanto na América quanto na Europa, estavam atreladas, portanto, à preparação e comercialização de boticas, como também à prescrição das mesmas aos enfermos, na ausência de um físico (BYNUM, 1996). Havia também os cirurgiões-barbeiros, que não possuíam formação nas Academias, de modo que suas funções eram permeadas, exclusivamente, pelas práticas cirúrgicas e sangrias (PAULA, 2009). Os cirurgiões-barbeiros compunham o campo de praticantes de medicina. Devido ao exercício da prática cirúrgica, sua função se dava primordialmente através do tratamento de fraturas, sangrias e amputações (WISSENBACH, 2002). Outro aspecto pertinente aos atributos medicinais e cirúrgicos da época foi a constante associação dos conhecimentos e saberes dos físicos, cirurgiões e boticários com os afazeres e práticas culinárias, tal concepção, contudo, foi se distanciando durante o período setecentista. Apesar de que a disposição de recursos que serviam para executar as atividades da área medicinal, em boa medida, continuou a mesma, pois os instrumentos de trabalho dos práticos eram considerados semelhantes, quando

não eram os mesmos, daqueles que eram utilizados na culinária do século XVIII (SPANG: 2003).

#### A medicina hipocrático-galênica

Os manuais médicos apresentavam, aos homens setecentistas, uma indagação acerca da interação do homem com a natureza, haja vista possuírem o entendimento de que, em não havendo uma boa relação entre o homem e o seu meio, a saúde do indivíduo não ficaria em harmonia com a natureza, sendo que as doenças decorreriam desta relação (ROSEN, 1994). As maneiras de se interpretar as patologias no século XVIII eram, portanto, profundamente baseadas na medicina hipocrático-galênica.

Esta teoria pressupunha que a saúde perfeita estava diretamente relacionada ao equilíbrio dos humores, assim o doente era aquele que apresentava humores em desarmonia, sendo a função do cirurgião ou físico, neste contexto, a de reestabelecer tal equilíbrio humoral. O corpo seria então formado por sangue, pituíta, bile amarela e bile negra (EDLER, 2006) e o que causava o adoecimento de um indivíduo era justamente a demasia, carência, ou depravação dos ditos humores, bem como a percepção de que determinadas doenças poderiam ser oriundas do clima e região onde as mesmas se encontravam (SOUZA, 2008). Uma característica fundamental dessa teoria é a atenção que dispõe a alimentação do enfermo, da qual, cada patologia era digna de um tipo de dieta, que se não fosse respeitada era vista como um empecilho a obtenção da cura (CARVALHO, 2002).

#### Luís Gomes Ferreira e João Vigier

As obras escritas no século XVIII por João Vigier e Luís Gomes Ferreira permite perceber estes autores, bem como as atuações pertinentes às suas funções, enquanto sujeitos sociais da medicina deste período, pois Vigier, enquanto físico, se ateve a esclarecer algumas nomenclaturas médicas do período, receitar boticas, instruir como deveriam ser feitos alguns tratamentos, todavia o autor não relata qualquer tipo de atividade relacionada à prática medicinal em algum doente, o que é compreensível, haja vista que os físicos não exerciam atividades diretas no

processo de cura, como o próprio ressalta em sua obra: “[...] Além de que eu sómente trato de dar nome aos achaques, apontar seus symptomas, noticiar os seus phenomenos [...]” (VIGIER, 1714), ou seja: “Além de que eu somente trato de dar nome aos achaques, apontar seus sintomas, noticiar os seus fenômenos [...]”. Por sua vez, a condição de cirurgião-barbeiro possibilitou que os relatos de Ferreira, no Erário Mineral, registrassem a atividade manual deste autor no decurso de suas práticas medicinais, além da produção de mezinhas e boticas que Ferreira utilizava e a maneira como as preparava, bem como usou da sua situação para fazer um adendo sobre a veemência das atribuições dos físicos e cirurgiões: “É assim, como sempre me pareceu justo obedecer à razão, me pareceu sempre temerário contradizer a experiência, pois a razão e a experiência são as duas colunas que se sustenta a Medicina e a Cirurgia” (FURTADO, 2002a), desta forma, salientando sobre os pilares medicinais do século XVIII, no qual, Ferreira concluiu: “[...] que maior fé se deve dar às experiência que à razão” (FURTADO, 2002a). Através de suas palavras, percebemos a defesa que fez ao exercício prático ao mesmo tempo em que, enfatizou a importância de estar de acordo com os ensinamentos institucionalizados pelos físicos.

O Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira lançado em 1735 foi publicado em Portugal a partir das experiências deste cirurgião-barbeiro luso em terras americanas. Neste contexto, ser um cirurgião significava estar designado a fazer os serviços mais práticos da área da saúde, como sangrias e tratamento de ossos fraturados (FURTADO, 2002b), onde concluímos que os cirurgiões eram autorizados para atividades intervencionistas específicas como cirurgias, restituições funcionais (no caso de fraturas) e amputações. Apesar de estes homens receberem autorização para exercerem apenas atividades específicas (com as citadas acima), devido ao fato de não possuírem as licenças necessárias, suas áreas de atuação eram limitadas. Nesta época, a cirurgia e o exame da natureza da doença eram atividades distintas, o que exigia licenças igualmente distintas, que só se consubstanciaram após as reformas pombalinas (Reformas realizadas pelo Marques de Pombal, que como nos aponta José Murilo de Carvalho (2006), dentre

10.4025/6cih.pphuem.536

outros propósitos, visavam restituir o status português no cenário europeu) na década de 1770 (JESUS, 2001).

Com relação ao físico francês João Viigier, autor do *Thesouro Apollineo*, Galenico, Chimico, Chirurgico, Pharmaceutico (1714), este, ocupava o cargo de físico-mor de Dom João V (1689-1750), pois havia conseguido destaque no início do século XVIII devido aos seus trabalhos publicados (CALAINHO, 2006). Vigier foi um droguista (CALAINHO, 2006), o que permitiu que atuasse também como vendedor, visto que comercializava itens de botica. Ele também foi um dos precursores dos estudos boticários na Europa, enfatizando em sua obra nomenclaturas, dosagens das boticas – por ele consideradas ideais, bem como um aparato sobre os conceitos filosófico-naturais utilizados no período (MARQUES, 2004).

Desta forma, é válido deixar claro as distinções entre físico e cirurgião, pois corrobora para o entendimento que tanto Ferreira como Vigier foram relevantes em seus escritos, posto que podemos perceber a singularidade das funções de ambos aplicadas em suas obras. É interessante atentarmos para esta diferenciação, bem como o emprego do que era pertinente cada cargo ocupado evitando, assim, observações que privilegiem e apontem, por exemplo, um autor como mais astuto que o outro, evidenciando as contribuições de cada segmento (fosse físico ou cirurgião) de modo a respeitar as singularidades de ambos, não produzindo, portanto, comparações que condicionem méritos por meio da diferenciação entre os autores.

A dieta e o recurso anestésico para quem apresentasse fraturas ósseas, por Ferreira e Vigier

Neste período, o que se comia estava intimamente associado à obtenção da cura de alguma patologia, pois assim corroboraria no reequilíbrio dos humores, a alimentação do doente era, portanto, um fator que exigia cuidados. Na *Encyclopédie* (1751), o verbete destinado aos analépticos escrito por Urbain de Vandenesse (?-1753) relaciona usos medicinais dos alimentos enquanto reestabelecadores dos convalescentes: “La décoction ou l'infusion de chocolat dans l'eau, le lait, l'eau distillée du pain avec les écorces de citron, le bon vin vieux de Bourgogne, le

véritable vin d'Espagne, sont des remèdes assurés pour réparer peu à peu les forces des convalescens” (VANDENESSE, 1751), ou seja : “A decocção ou infusão de chocolate em água doce, pão, leite, destilado com casca de limão, o vinho bom e velho da Borgonha, o verdadeiro vinho de Espanha, os remédios são fornecidos para a reparação de pouco a pouco das forças de convalescentes” (VANDENESSE, 1751). Além deste verbete, podemos notar, por meio da análise de Rebecca Spang, que *restaurant* também foi empregado na *Encyclopédie* como um termo de acepção médica (SPANG, 2003).

Neste sentido, Ferreira recomendava especialmente o preparo de pés de boi e vaca com arroz, empregando um princípio analógico. Neste período, a analogia compreendia um princípio de formação de saber em que elementos específicos eram utilizados comparativamente (FOUCAULT, 2000), no qual as patas dos bovinos seriam simpáticas aos ossos, traduzindo a rigidez deste tecido rígido, enquanto o arroz, por conveniência, indicaria a brancura dos ossos, revelando o entendimento que semelhante auxiliava semelhante, demonstrando um dos motivos da indicação de tais alimentos como preferenciais. Da mesma maneira, Ferreira alerta para a importância da “sustância” na composição do alimento de quem precisava se recuperar de uma fratura para que, desse modo, o osso reagisse mais rápido ao tratamento (FURTADO, 2002a).

Entretanto, no caso de Vigier, ainda que tenha comentado sobre o que deveria ser preparado para o doente que estava com danos nos ossos – sendo os caldos de vitela recomendados para pessoas adultas e secas –, este fez uma ressalva à própria indicação, dizendo que não havia comprovações se os alimentos eram realmente algo que corroborava com o tratamento, questionando a eficácia dos remédios que eram ingeridos: “[...] sejaõ remedios que tomados interiormente ajudem a geraçaõ do callo, o que a razão nem a experiencia pôdem persuadir [...]” (VIGIER, 1714), ou seja: “[...] sejam remédios que tomados interiormente ajudem a geração do calo, o que a razão nem a experiência podem persuadir [...]” (VIGIER, 1714).

O que competia àquele que tivesse algum membro fraturado era, simplesmente, sentir a dor e aceitar o tratamento, haja vista, que a maneira de

10.4025/6cih.pphuem.536

aliviar a dor nos setecentos não era das mais satisfatórias, pois não havia um composto anestésico eficiente (KIRKUP, 2007), o que se comprova no Erário Mineral: “[...] não há remédio mais singular, nem mais pronto, nem que tenha as virtudes que tem a aguardente [...]” (FURTADO, 2002a). Para estes casos, quando Ferreira cita a administração de doses de aguardente para o enfermo ingerir, podemos pressupor que a embriaguez seria um dos poucos recursos anestésicos que concediam, ao doente, um estado de alívio da dor (SANTOS, CARREIRA, 2001). Observarmos, deste modo, que no *Thesouro Apollineo...* de Vigier, não há menção a técnicas que envolvam amenização da dor. O enfermo estava, pois, condenado a suportar o sofrimento, ou perecer do mesmo.

## Conclusão

A alimentação durante o período setecentista foi apontada nos tratados de medicina da época como um dos critérios para a obtenção da cura do enfermo. Obedecendo aos princípios hipocráticos-galênicos, cada patologia receberia a sua devida dieta, no caso das fraturas ósseas, percebemos que alimentos considerados frios e rígidos deveriam ser evitados. Haja vista, que os ossos eram considerados rígidos e frios e não se recomendava aplicar elementos dos quais, os enfermos apresentava em desequilíbrio humoral.

Desta forma, essencialmente através de Luís Gomes Ferreira e sua obra o *Erário Mineral*, e de João Vigier e sua obra o *Thesouro Apollineo*, Galenico, Chimico, Chirurgico, Pharmaceutico, vislumbramos sobre a alimentação e suas qualidades terapêuticas no período setecentista. Bem como o físico e o cirurgião inferiram sobre a eficiência medicinal da ingestão de alimentos para a restauração da saúde.

A preocupação dos agentes da cura e seus procedimentos que hoje podem nos parecer simples e sem eficiência, evidenciam a relação do homem com o meio e a busca de estabelecer a melhor maneira para lidar com os problemas que acontecem em dadas circunstâncias do cotidiano. Levando em consideração, mesmo que em diferentes parâmetros e princípios, a dieta e a nutrição daquele que

10.4025/6cih.pphuem.536

apresenta qualquer tipo de enfermidade, ainda hoje, é um importante critério terapêutico. O que podemos concluir, é que para os recursos e limitações do século XVIII, ocorreram cuidados que possibilitavam que os lesionados sobrevivessem.

#### Referências:

BYNUM, William F. *Science and the Practice of Medicine in the Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CALAINHO, Daniela Buono. *Médicos e Curandeiros no Brasil Colonial*. IN: XI Encontro Regional de História: democracia e conflito. Anpuh-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

CALAINHO, Daniela Buono. *João Vigier: Um droguista no Portugal setecentista*. IN: XII Encontro Regional de História: usos do passado. Anpuh-Rio, Niterói, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. Topoi. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006, n.1, p.123-152.

CARVALHO, Maria Manuela. *A medicina em história a medicina hipocrática*. IN: *Revista Saúde Mental*. v. IV, n. 1, p. 41-44, 2002. Disponível em: <[http://www.saude-mental.net/pdf/vol4\\_rev1\\_leituras2.pdf](http://www.saude-mental.net/pdf/vol4_rev1_leituras2.pdf)>. Acesso em: 12 de fev. 2012.

EDLER, Flávio Coelho. *Boticas e farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002a.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens*. IN: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002b, p. 3-30.

JESUS, Nauk Maria de. *Saúde e doença: práticas de cura no centro da América do Sul (1727 – 1808)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal De Mato Grosso, 2001.

KIRKUP, John. *A History of Limb Amputation*. London: Springer, 2007.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *As 'Medicinas' indígenas ganham o mundo nas páginas das farmacopeias portuguesas do setecentos*. IN: IX Encontro Regional de História: Identidades e Representações. Anpuh-PR, Ponta Grossa, 2004. Disponível em: <<http://www.pr.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/VeraRBMarques.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

PAULA, de Silva Leandro. *Médicos Acadêmicos e terapeutas populares: uma convivência conflituosa*. In: Segundo Encontro Memorial: nossas letras na história da educação. UFOP, Mariana-MG, 2009. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/h542.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

ROSEN, George. *Uma História da Saúde Pública*. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Edunesp; Abrasco, 1994.

SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; CARREIRA, Ligia. *Mezinhas, triagas e garrafadas: pequena reflexão histórica da saúde e do cuidar no Brasil*. Revista Ciências da Saúde. Maringá: UEM, v. 1, n. 2, p. 43-51, 2001.

10.4025/6cih.pphuem.536

SOUZA, Rafael de Freitas e. *Medicina e Fauna Silvestre em Minas Gerais no século XVIII*. Varia Historia. Belo Horizonte: UFMG, v. 24, n. 39, 2008.

SPANG, Rebecca L. *A Invenção do Restaurante: Paris e a Moderna Cultura Gastronômica*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VANDENESSE, Urbain de. Analeptiques. IN: MORRISSEY, Robert; ROE, Glenn (Ed.). *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une Société de Gens de lettres*. 1751. Disponível em: <<http://encyclopedia.uchicago.edu/>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

VIGIER, João. *Thesouro Apollineo, Galenico, Chimico, Chirurgico, Pharmaceutico*. Lisboa: Oficina Real Deslandesiana, 1714.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Gomes Ferreira e os simplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial*. IN: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002, p. 107-149.